

Jardim da Penha entre mato e lama

Há 35 anos, os caminhões que transportavam café viviam atolando nas estradas do bairro. Uma delas ficou famosa e virou a rua da Lama

Quando em 1963 os primeiros moradores começaram a se instalar em Jardim da Penha, o bairro se restringia a uma ampla área coberta por mato e areal.

O galpão do Instituto Brasileiro do Café (IBC), onde eram armazenadas as sacas de café trazidas do Norte do Estado, também representava um importante referencial do bairro.

Veza ou outra, os caminhões carregados de café podiam ser vistos trafegando pela região. E não foram poucos os casos em que os caminhoneiros precisaram recorrer a ajuda dos moradores para desatolarem seus carros, presos no lamaçal que se formava durante os dias de chuva.

Exatamente por essa razão, as ruas próximas à Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) receberam o apelido de rua da La-



ma. E ali, bem próximo, um lago pantanoso funcionava como atrativo para os amantes da pesca, segundo informou o aposentado Ary Nogueira da Gama, 69.

PROGRESSO

Não existia comércio na região, apenas uma casa de prostituição. Descrentes do progresso do bairro, muitos foram os que preferiam utilizá-lo como local de veraneio. "Eu morava em Colatina, e a casa de Jardim da Penha era só para me atender nas férias de verão. Até o início da década de 70, o bairro era muito provin-

ciano", contou o aposentado Juracy Fernandes Machado, 67.

Para se chegar à praia, era preciso atenção redobrada. A razão de tanto atenção, segundo a comerciante Amélia de Almeida Esperandio, 58, que há 35 anos comprou um terreno no bairro, era porque a região de Jardim da Penha era um grande habitat de cobras.

No entanto, as imobiliárias despertaram o interesse pelo bairro e deram início ao processo de construção dos conjuntos habitacionais.

Em 1969, o primeiro conjunto de casas geminadas foi construído, seguido pelos conjuntos Gemini e dos Bancários.

Em sucessivo progresso, há 18 anos o primeiro supermercado (Santa Marta) foi construído na praça Regina Frigeri Furno, o que motivou a expansão dos demais comércios.

Hoje, Jardim da Penha é o segundo bairro mais populoso de Vitória, com uma estimativa de 26 mil moradores e sete mil imóveis, além de representar a terceira arrecadação de Imposto Predial e Territorial Urbano do município (IPTU), ou seja, R\$ 1,4 milhão.

Carnaval à moda antiga

"De segunda a segunda, encostado num balcão, e a turma do Tô Bobo, lá não tem malandro não... Veja só a rotina, olha só como é que é, chega em casa embriagado, e ainda leva esporro da mulher...".

Reviver os bons tempos do Carnaval, travestidos de damas de cabaré ou mesmo odaliscas, mais do que uma meta, transformou-se em tradição para os moradores de Jardim da Penha.

Apesar de estarem em sintonia com os carnavais modernos, dominados pela axé music, os foliões não dispensam o som dos sambas enredos e das saudosas marchinhas das décadas de 40 e 50, assim como os banhos de mar a fantasia na praia de Camburi.

HISTÓRIA

São mais de 25 anos de his-

tória nos quais os blocos Tô Bobo e Copo na Mão reúnem cerca de seis mil foliões para os tradicionais desfiles pelas ruas do bairro.

Para compor essa comemoração, os participantes contam ainda com um casal de mestresala e porta-bandeira, além de um arsenal de mais de 60 instrumentos das baterias das escolas de samba Unidos de Jucutuquara e Unidos de Bela Vista.

O aposentado Dalto Bento Pretti, 60, é uma das figuras típicas que desde 1972 marcam presença nos desfiles. Ele definiu a união dos moradores como a razão principal para o sucesso dos blocos. "É uma festa movida pela energia dos que participam desfilando ou apenas assistindo a passagem dos foliões".

Com um mês de antecedência, os blocos dão início ao processo de seleção de samba

enredo que servirá como "carro-chefe" do carnaval do bairro. O bloco Tô Bobo, por exemplo, a cada ano aborda um tema referente à política brasileira.

"Nós colhemos informações sobre os fatos que marcaram o cenário político nacional para fazermos nossas críticas, e, através do samba, falarmos dos sentimentos do povo brasileiro", contou um dos organizadores do bloco, o empresário Thiago do Carmo, 23.

Para angariar dinheiro e manter a tradição, os blocos confeccionam camisas de identificação que são vendidas para os interessados em participar dos desfiles.

As festas e ensaios também representam fonte de renda para a folia, que acontece apenas uma vez por ano (na semana que antecede o Carnaval).

Capas para sofás.

A proteção que embeleza.



- Capas p/ poltronas e sofás.
- Laváveis.
- Tecido leve.
- Não são franzidas.
- Diversas cores e estampas.
- Pronta entrega.

329-9810

Show Decor Comércio Ltda

Rua Antônio Ataíde, 677 - Loja 11
Galeria Central - Vila Velha

SAÚDE - O atendimento no Centro de Saúde da Glória, em Vila Velha, será retomado a partir da segunda quinzena do próximo mês.

A unidade passou por reformas e ampliação. As obras físicas já estão concluídas, resta apenas a compra de equipamentos para a reabertura.